

SITUAÇÕES DE EMERGÊNCIA: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O PATRIMÔNIO DE PUEBLA/MX E DO MUSEU DAS MISSÕES/BR

MICHELI MARTINS AFONSO¹; KAREN VELLEDA CALDAS²; JULIANE CONCEIÇÃO PRIMON SERRES³

¹Universidade Federal de Pelotas – mimafons@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – caldaskaren@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – julianeserres@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O gerenciamento de riscos é uma metodologia de utilização dos recursos disponíveis para que os riscos em geral, que possam atingir os bens culturais, sejam minimizados (CROUCH, WILSON, 1982; MOORE, 1983; MICHALSKI, PEDERSOLI, 2016; SUOKAS, ROUHIAINEN, 1993). Esta metodologia que surge em meados dos anos 2000 (BROKERHOF et al, 2007) orienta as técnicas de conservação preventiva e é oriunda e adaptada das áreas econômicas. É importante para os gestores do patrimônio cultural, pois auxilia no “estabelecimento eficaz de prioridades para alocação de recursos a partir de uma visão integrada de todos os possíveis danos e perdas de valor para o patrimônio” (HOLLÓS & PEDERSOLI, 2009, p. 78). Esta metodologia também fornece subsídios para a criação de um plano de emergência, o qual é responsável por desenvolver e gerenciar estratégias de evacuação de pessoas e coleções que estejam em crise (DORGE, JONES, 1999). O plano de emergência também é responsável por orientar as práticas de resgate do acervo atingido por um sinistro, seja ele qual for, garantindo que os danos aos bens culturais sejam os mínimos possíveis.

Este trabalho tem por objetivo analisar o envolvimento da comunidade em situações de emergência e o seu papel como agente de preservação a partir do estudo de caso comparativo entre o Museu das Missões/RS/Brasil e do centro histórico da cidade de Puebla/México. Faz parte de um projeto de tese de doutorado que está sendo desenvolvido desde março de 2017 no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Adéqua-se a este programa porque discuti a participação da comunidade em casos de emergência a partir da análise dos meandros memoriais, identitários e patrimoniais que (re)significam estes dois patrimônios culturais mundiais.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada diz respeito a revisão bibliográfica sobre o tema missões jesuíticas e acerca do Museu das Missões, com intuito de entender o percurso histórico desta instituição e do local o qual está inserido. Da mesma forma se fará revisão bibliográfica sobre a história da criação do patrimônio cultural da cidade de Puebla. Consultas a documentos históricos e a jornais serão necessárias para que se possa realizar um cruzamento de informações e avaliar a visibilidade destes patrimônios culturais na comunidade inserida. Foram realizadas visitas ao Museu das Missões e estão programadas outras viagens para que se perceba o envolvimento da sociedade com este espaço cultural. Visitas a cidade de Puebla também estão programadas buscando os mesmos objetivos. Realizou-se entrevistas com técnicos administrativos do Museu das

Missões, assim como com membros da comunidade de São Miguel das Missões. Pretende-se realizar novas entrevistas em São Miguel das Missões e também na cidade de Puebla.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No dia 24 de abril de 2016 o Museu das Missões, localizado em um sítio histórico que é considerado patrimônio mundial da UNESCO, foi atingido por fortes tempestades e por um tornado, situação improvável para aquela região do Estado do Rio Grande do Sul. O tornado afetou gravemente o Museu das Missões, destelhando, quebrando os vidros, entortando as calhas metálicas e arremessando as esculturas missioneiras no gramado próximo ao local. Varias partes da imaginária sacra missioneira, exposta no museu, foram amputadas devido à violência do tornado e a algumas delas ficaram cravejadas por estilhaços de vidro. No momento da tragédia estavam presentes poucos funcionários do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM)¹ e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)², dificultando as ações de resposta ao sinistro e o resgate do acervo. Além disso, estes funcionários em sua maioria eram agentes de segurança do Sítio Histórico São Miguel Arcanjo, não possuíam formação ou instrução de como proceder diante situações de emergência.

Quando a catástrofe é inesperada a carência da instituição se revela de maneira mais aberta, haja vista que sem um plano de emergência vigente a degradação pode-se tornar significativamente mais drástica. O cenário atual dos museus brasileiros reflete uma postura bastante heterogênea em relação a gestão de riscos que inclui os planos de emergência, tendo em vista que existem instituições “significativamente avançadas neste aspecto e outras onde falta ainda implementar requisitos básicos para a proteção do acervo frente aos riscos que os ameaçam” (PEDERSOLI, 2016). Havendo uma situação de emergência causada por desastres naturais, acidentais ou provocados, percebe-se que a grande parte dos órgãos públicos e privados que gerenciam algum tipo de patrimônio, demora a reagir, e após o ocorrido, não tem planos de ação para minimizar as degradações aparentes. A este respeito, também são raros os casos em que a sociedade civil participa de maneira ativa nestes processos. A partir de entrevistas preliminares com funcionários do Museu das Missões, sabe-se que a comunidade de São Miguel das Missões não se envolveu com as ações de recuperação que ainda ocorrem na região.

No lado oposto desta realidade se tem a comunidade de Puebla, no México que em vistas da destruição do seu patrimônio se uniu em prol da recuperação e salvaguarda daquela herança cultural. Puebla foi declarada em 1987, como Patrimônio Cultural Mundial pela UNESCO, está situada na parte central do México e a Centro-Oeste do Estado de Puebla. Em 1999, Puebla foi surpreendida por um terremoto de 7.1 pontos na escala Richter, sinistro que também ficou conhecido pela população por o “terremoto de Tehuacán de 1999”. Recentemente a região foi atingida por terremotos de proporções parecidas, e a população ainda avalia os danos ao patrimônio cultural da região. Outro fator de risco são os vulcões Popocatepetl e Iztaccíhuatl, situados a 40 km de Puebla, e que estão em freqüente monitoramento pelo Centro Nacional de Prevenção de Desastres (CENAPRED)³. A possibilidade de erupção destes vulcões, que se mantém

¹O IBRAM é o órgão responsável pela gerência do Museu das Missões localizado no Sítio Histórico São Miguel Arcanjo.

² O IPHAN atua na proteção do Sítio Histórico São Miguel Arcanjo.

³ Fonte: Disponível em: < http://www.elclima.com.mx/volcan_popocatepetl.htm>. Acesso em: 12/08/2017.

ativos, mas estáveis, não é a única fonte de riscos. A fumaça e os microssismos são fatores que devem ser considerados como agentes de degradação para o patrimônio da região, devido aos componentes químicos e ácidos que se depositam nos prédios históricos, gerados pela fumaça e cinzas do vulcão, e pela constante vibração que os abalos sísmicos causam.

A patrimonialização (PRATS, 2005) de um espaço pelos órgãos públicos não o define como patrimônio para quem com ele convive diariamente. Quem institui um bem material ou imaterial como patrimônio é a comunidade que a partir daí o legitima, conserva e divulga. O fio condutor desta tese será a análise comparativa entre dois Patrimônios Mundiais da UNESCO, o centro histórico da cidade de Puebla e o Museu das Missões⁴, a partir dos sinistros naturais que atingiram estes lugares e do envolvimento da comunidade local na sua recuperação. Neste sentido, questões como emoção patrimonial (TORNATORE, 2010), memória coletiva (HALBAWACHS, 2003), identidade (CANDAU, 2011) e as relações entre a população com estes patrimônios serão exploradas, com intuito de averiguar se a comunidade poderá dar uma resposta⁵ imediata (PEDERSOLI, 2010) em situações de risco. Esta análise parte do princípio de que a conservação deve cumprir um papel social, contribuindo para a extroversão da informação que o acervo do Museu das Missões e que o centro histórico de Puebla preservam.

A partir destas análises, surge a seguinte questão: estando o museu, e o patrimônio cultural como um todo, a serviço da comunidade, não deveria a sociedade também estar imbuída ao cuidado patrimonial? As redes memoriais que envolvem um bem cultural e a comunidade definem a relação contemporânea entre eles (RICOEUR, 2007), sustentando ou não as ações de preservação. Propor a inserção da comunidade na salvaguarda patrimonial é um processo lento e que necessita de uma intenção social e prática educativa que integre vários setores desse organismo. Ela deve ser realizada de maneira que aproxime “os criadores dos detentores desse patrimônio, de modo a não separá-lo da vida” (VARINE, 2012, p.19). Pretende-se responder o seguinte questionamento: o envolvimento da comunidade em situações de emergência para o patrimônio cultural gera respostas imediatas e positivas para preservação do mesmo?

Inserir a população em programas de gerenciamento de riscos, a partir da construção de uma mentalidade preservacionista e que esteja apta à conservação, sana uma carência inerente a maioria dos locais de memória. Levando em consideração que “o risco não está ligado apenas a fatores físicos relacionados ao território (características geográficas e/ou climáticas), mas também aos fatores socioculturais e econômicos” (IBRAM, 2013a, p.11-12). Busca-se entender em primeiro plano as relações entre a comunidade de São Miguel das Missões e o Museu das Missões, e a comunidade de Puebla com seu patrimônio local, visando identificar quais relações foram construídas nestes locais e como a apropriação no que tange a preservação altera o cenário da região.

4. CONCLUSÕES

⁴ É importante salientar que o Museu das Missões isoladamente não é considerado Patrimônio Mundial pela UNESCO, mas está localizado no interior do conjunto arquitetônico do Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo que recebeu este título em 1983.

⁵ Dentro do gerenciamento de riscos a etapa responder é responsável por “atuar imediatamente sobre os agentes de risco já detectados no entorno e no interior do edifício. Esta ação inclui todas as ações emergenciais face às ações dos agentes” (IBRAM, 2013a, p.31) de degradação.

Como conclusões iniciais para este trabalho se destaca o ineditismo da proposta em relação a inserção da comunidade em práticas ativas de preservação. Ao analisar as metodologias de gestão de riscos e os manuais que direcionam as ações de preservação, percebe-se que não estão previstas atividades que insiram a comunidade local nas ações de conservação, sendo indicados apenas órgãos institucionais como, defesa civil, corpo de bombeiros, entre outros. Neste sentido, percebe-se que instituições que possuem poucos recursos e são mais afastadas dos grandes centros, perecem por não possuírem atendimento imediato quando em eventos esporádicos, mas por vezes devastadores, de desastres naturais ou de danos ao patrimônio cultural. Esta proposta visa analisar se a inserção da comunidade nestas ações de resgate e em situações de emergência pode contribuir efetivamente na preservação do patrimônio cultural, assim como verificar como se dá este processo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROKERHOF, A. et al. **Interfacing research and risk management for a better safeguarding of cultural heritage**. In: European Conference "sauveur" safeguarded cultural heritage, 7., 2006. Prague. Proceedings. Prague: ITAM; ARCCHIP, 2007.
- CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- CROUCH, E. A.; WILSON, R. **Risk/Benefit Analysis**. Cambridge: Ballinger Publishing Company, 1982.
- DORGE, V.; JONES, S. **Building an Emergency Plan**. A Guide for Museums and Other Cultural Institutions. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 1999.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Editora, 2003.
- HOLLÓS, Adriana Cox; PEDERSOLI, José L. **Gerenciamento de riscos: Uma abordagem interdisciplinar**. Ponto de Acesso, Salvador, v. 3, n. 1, p. 72-81, abr. 2009. Disponível em: <www.pontodeacesso.ici.ufba.br>. Acesso: 22/09/2016.
- IBRAM. **Programa de Gestão de Riscos ao Patrimônio Musealizado Brasileiro**. Ministério da Cultura: Brasília, 2013a.
- MICHALSKI, S.; PEDERSOLI, J. **A Guide to Risk Management of Cultural Heritage**. Canada: Canadian Conservation Institute, 2016.
- MOORE, P. **The Business of Risk**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- RICOEUR, Paul. **Memória, História e Esquecimento**. Campinas, Editora da Unicamp, 2007.
- SUOKAS, J.; ROUHIAINEN, V. **Quality Management of Safety and Risk Analysis**. Amsterdam: Elsevier, 1993.
- TORNATORE, Jean-Louis. **L'esprit de patrimoine**. Transmettre.Terrain, n. 55, p. 106-127, sept.2010.
- VARINE, Hugues De. **As raízes do Futuro: O patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Porto Alegre: Medianiz, 2012.